

O LUGAR NO MUNDO E O MUNDO NO LUGAR: A GEOGRAFIA DA SOCIEDADE GLOBALIZADA

Márcio Balbino Cavalcante

Discente do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
cavalcantegeo@bol.com.br

RESUMO

Pensar o Espaço Geográfico nos dias atuais perpassa refletir nos recortes analíticos da Geografia, entre eles a categoria lugar. Milton Santos nos ensina que cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Assim, o conceito de lugar apoderou-se de inúmeras interpretações, tendo sempre a necessidade de adjetivá-lo: lugar da existência, da co-existência, da co-presença, da solidariedade, do acontecer solidário, da dimensão do espaço cotidiano, do singular e do subjetivo. Por outro lado, não dissociado, o lugar conforma o aprofundamento da divisão territorial do trabalho e da especialização dos lugares, atendendo as exigências de produção e circulação do modo-de-produção capitalista atual. Com as densidades técnicas, informacional e comunicacional dos lugares compreende-se a hibridez do particular e do mundo através das solidariedades: orgânicas, organizacional e institucional, caracterizando a dialética lugar-mundo.

Palavras-Chave: Lugar; Espaço Geográfico; Geografia; Milton Santos.

THE PLACE IN THE WORLD AND THE WORLD IN PLACE: THE GEOGRAPHY OF GLOBALIZED SOCIETY

ABSTRACT

Designing Geographical Space nowadays permeates reflect the analytical approach of geography, including the category place. Milton Santos teaches us that every site is in its way, the world. Thus, the concept of site seized numerous interpretations, keeping the need of adjectives it: the site of existence, the co-existence, co-presence, solidarity, solidarity happenings of the everyday dimension of space, the singular and subjective. Moreover, the coupled, the site conforms to deepen the territorial division of labor and specialization of sites, meeting the requirements of production and circulation of mode-of-current capitalist production. With densities technical, informational and communicational sites one can understand the hybridity of the individual and the world through solidarity: organic, organizational and institutional, featuring the dialectic place-world.

Keywords: Site; Geographical Space, Geography, Milton Santos.

INTRODUÇÃO

No período atual cunhado por Milton Santos de período *técnico-científico e informacional*, a Geografia se dedica ao meio geográfico (uma mistura das ações – intencionalidades, mais o substrato modificado e o meio construído – as artificialidades). Com Santos (1996) temos uma renovada concepção do método da Geografia, o meio geográfico, ou melhor, o Espaço Geográfico podendo atualmente ser concebido como uma totalidade: forma-conteúdo, uma hibridez entre tecnoesfera e psicoesfera. A idéia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. Essa idéia também supõe o

Recebido em 26/04/2011

Aprovado para publicação em 01/07/2011

tratamento analítico do espaço como um conjunto inseparável de sistema de objetos e sistemas de ações (SANTOS,1996, p. 63).

Hoje o entendimento desta totalidade, em uma eterna totalização, nos faz apreender o Espaço Geográfico como uma abstração, que se concretiza nos recortes analíticos da Geografia (SARTRE, 1978). O Geógrafo articula categorias analíticas – Território, Lugar, Paisagem e Região – para hierarquizar sua análise e compreender o mundo, é o Santos (1996) dizia sobre o processo de fragmentação e totalização da análise para permitir a relação contraditória entre o total e particular, teorizando assim sobre o mundo. Aqui se pretende verificar melhor essa relação entre o específico e o geral, entender onde os eventos se concretizam.

Em um mundo dito globalizado, urge a compreensão do lugar, um conceito importantíssimo por ser a manifestação do global e por devolver ao mundo tais manifestações. Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade. Assim, vivemos em um período em que a técnica, a ciência e a informação são dados constitutivos da realidade, passando de um mundo da probabilidade para um mundo da possibilidade. Por essa razão atribuímos tanta importância ao fenômeno da técnica na interpretação de lugares. Nesse sentido, o lugar é o lugar de uma escolha. O mundo está aí e o lugar colhe no mundo atributos que o realizam histórica e geograficamente. É o mundo que se dá seletivamente no lugar (SANTOS,1999). Em nenhum outro momento da história a relação do mundo e do lugar esteve tão profunda, e nesse sentido a metafórica globalização torna-se real, seletiva, perversa e contendo um novo caminho, a possibilidade de repensar o mundo.

O Lugar no mundo e o mundo no lugar

O conceito de lugar na Geografia tomou inúmeras interpretações, tendo sempre a necessidade de adjetivá-lo, a saber: lugar da existência, da co-existência, da co-presença, da solidariedade, do acontecer solidário, da dimensão do espaço cotidiano, do singular e do subjetivo. O lugar, de maneira geral é um espaço sensato, isto é, apropriado ao nosso sentido, um espaço que nos convém, um espaço sensível. Mas um espaço orientado, um espaço de orientação, que permite responder a pergunta: Onde estamos? Enfim, é um espaço que dá lugar ao sentido, ao bom senso, ao pensamento sensato. Um lugar se abre para outros lugares e o lugar de todos os lugares, o lugar comum, este é o mundo. É ténue a diferença, portanto, entre lugar e Mundo (SOUZA,1997).

Mas como o mundo é dialético, assim sendo com o lugar, Souza (1997) afirma que os lugares parecem revelar todas as contradições do mundo: nos lugares esse mundo se revela cruel, perverso, tornando o cotidiano de cada um quase uma fatalidade.

A autora claramente nos ensina sobre esta adjetivação e sobre sua importância na compreensão do lugar, sendo realmente seu valor objetivo, o valor do conhecimento, de uma outra possibilidade, um protesto, a revolução.

Por outro lado, não dissociado, o lugar conforma, permite a concretização do aprofundamento da divisão territorial e internacional do trabalho; também a especialização profunda dos lugares para atender exigências de produção e circulação do novo modo de produção capitalista. Milton Santos nos elucida sobre este momento histórico em que a divisão do trabalho se dá nos lugares e os lugares oferecem as possibilidades desta compartimentação. E não se deve esquecer que a singularidade lembrada está intrinsecamente associada, hoje, com essa compartimentação dos lugares (SOUZA, 1997).

No lugar entendido como um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens

precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 1996, p. 258).

Ainda com a lucidez da teoria de Milton Santos visualiza a seleção perversa que os lugares estão sujeitos, as novas realidades do mundo se impondo aos lugares, afetando a existência (de forma mais subjetiva e objetiva que encontramos). Importam-se empresas e exportam-se lugares. Impõe-se de fora do país o que deve ser a produção, a circulação e a distribuição dentro do país, anarquizando a divisão interna do trabalho como o reforço de uma divisão internacional do trabalho que determina como e o que produzir e exportar, de modo a manter desigualmente repartidos, na escala planetária, a produção, o emprego, a mais valia, o poder econômico e político. Escolhem-se, também, pela mesma ótica, os lugares que devem ser objeto de ocupação privilegiada e de valorização, isto é, de exportação. (SANTOS, 1999a)

Os lugares são ligados e conectados pela informação (embutido todo o avanço técnico), consolidando e impondo uma especialização dos lugares, um aprofundamento da divisão territorial do trabalho. A especificidade dos lugares se apresenta como as diferenças de salário mínimo, mão-de-obra qualificada e desqualificada, ou seja, distintas relações culturais, distintas formações sócio-espaciais.

O mercado está se valendo das distinções para perpetuar a lógica produtiva deste período. Já que os lugares têm uma produtividade distinta há uma especificidade distinta reproduzindo o capital pela seletividade dos lugares. Sobre os fundamentos da divisão do trabalho e sua relação com o lugar, Marx em seu momento histórico alertava para o início desta seleção: A divisão territorial do trabalho, que confina ramos particulares de produção em distritos particulares de um país, recebe novo impulso na empresa manufatureira, a qual explora todas as particularidades (MARX apud CASTILLO; TOLEDO; ANDRADE, 1997, p. 75).

Os Geógrafos vão mais adiante com esse dado, pois o mundo atual é outro, o capitalismo se destrói e reconstrói, e assim a necessidade de rever conceitos é fundamental. Cada momento redefine o valor, o sentido e o papel do elemento na nova totalidade. Não só mais a empresa manufatureira explora as particularidades, como escreveu Marx, mas todo e qualquer instituição globalizada e detentora das possibilidades do mundo tecnificado e informacionalizado que seleciona e impõem lógicas adversas aos lugares. Uma complexidade quem vem do aperfeiçoamento da divisão técnica e social do trabalho e da mundialização das relações. E, a esta situação soma-se a atual unicidade técnica planetária, que possibilita a chamada globalização da economia e uma nova etapa da divisão sócio-territorial do trabalho. Esta provoca um aprofundamento da especialização dos lugares (CASTILLO; TOLEDO; ANDRADE, 1997, p. 75).

Ao mesmo tempo em que há uma especialização dos lugares, com a globalização, ocorre a unicidade das técnicas, significando que além das culturas específicas, com o avanço do capitalismo esse mosaico começa a convergir, ocorrendo uma padronização das técnicas, concretizando a globalização. Pra melhor entender esse processo deve se considerar a análise que Milton Santos faz sobre as novas densidades dos lugares.

O aprofundamento da divisão territorial e internacional do trabalho e a seletividade espacial sensível aos lugares só são possíveis diante das densidades técnica, informacional e comunicacional que se encontram de forma particularizadas nos diversos lugares. Os lugares, pois, se definem pela sua densidade técnica, pela sua densidade informacional, pela sua densidade comunicacional, cuja fusão os caracteriza e distingue. (SANTOS, 1994).

Essas densidades estão intrinsecamente associadas, mas são distintas. Para Milton Santos a densidade técnica é dada pelos diversos graus de artifício de um lugar ultrapassando a perfeição da natureza e subjugados as necessidades dos que o criaram. A densidade informacional seria uma derivação da técnica, é a ação com a informação destes objetos técnicos. A densidade informacional nos informa sobre os graus de exterioridade do lugar, sua propensão a entrar em relação com outros lugares e a efetivação dessa propensão, privilegiando setores e atores.

(SANTOS, 1994). E a densidade comunicacional seria o tempo plural do cotidiano partilhado e conflitual da co-presença. As relações informacionais são verticais, e as relações comunicacionais são uma resultante do meio social ambiente. As primeiras são mais dependentes da tecnosfera, as segundas os são mais da psicosfera. De todo modo e nas condições atuais comunicacionais podem apontar o reino da liberdade. (SANTOS, 1994).

Essa relação que Santos (1994) apresenta sobre o lugar é a forma mais clara de explicar o todo na parte e a parte no todo. Essa idéia das densidades dos lugares nos traz a tona outro elemento importante de análise do lugar e do mundo, as solidariedades orgânica, organizacional e institucional. Relaciona-se, assim, a solidariedade orgânica a uma ordem local, com base numa interação estabelecida pelos objetos contíguos de um subespaço.

A solidariedade organizacional corresponde um sistema de objetos esparsos, obedientes à lei de acumulação global, viabilizado pela informação. O lugar é assim o resultante do embate entre proximidade espacial e proximidade organizacional (...) é também verdade que a solidariedade institucional pode servir como um fiel da balança que ora aproxima-se mais e soma esforços com a solidariedade orgânica, ora tende a reforçar os vetores oriundos dos interesses globais, sustentando a solidariedade organizacional. (CASTILLO; TOLEDO; ANDRADE, 1997, p. 79-80). Análise que assume um significado de interdependência e complementaridade entre a sociedade e o modo de produção capitalista.

Todo esse legado para a compreensão do que venha a ser o lugar frente ao mundo por essa ótica da seletividade, das densidades e do uso específico está muito bem sintetizada neste trecho de Milton Santos, (...) se o mundo tornou possível, com as técnicas contemporâneas, multiplicar a produtividade, somente o faz porque os lugares, conhecidos em sua realidade material e política, distinguem-se exatamente pela diferente capacidade de oferecer às empresas produtividade maior ou menor. É como se o chão, por meio das técnicas e das decisões políticas que incorpora, constituísse um verdadeiro depósito de fluxo de mais-valia, transferindo valor às firmas nele sediadas. A produtividade e a competitividade deixam de ser definidas devidas apenas à estrutura interna de cada corporação e passam, também, a ser um atributo dos lugares. E cada lugar entra na contabilidade das empresas em diferente valor (SANTOS, 1999).

O conceito de lugar na Geografia apoderou-se de inúmeras interpretações, tendo sempre a necessidade de adjetivá-lo, lugar da existência, da co-existência, da co-presença, da solidariedade, do acontecer solidário, da dimensão do espaço cotidiano, do singular e do subjetivo.

CONCLUSÃO – O ESPAÇO GEOGRÁFICO COMO POSSIBILIDADES

Esta tentativa de compreensão do mundo e do lugar, em sua abstração, o espaço geográfico, esta longe de ser concluída com uma visão pessimista do lugar e do mundo, mesmo tendo todas as manifestações favoráveis a tal pensamento. Mas devemos retomar a sensibilidade de todos sobre o lugar e sua adjetivação otimista, uma relação que é positiva quando se entende o todo e o particular como uma totalidade dialética e possível de transformação. Sem esquecer-se do ensinamento de Milton Santos, onde “o mundo é um conjunto de possibilidades”. E as possibilidades estão dadas a todos, mas nem todos sabem disto.

REFERÊNCIAS

CASTILLO, Ricardo; TOLEDO, Rubens; ANDRADE, Julia. Três Dimensões da Solidariedade em Geografia. Autonomia Político-Territorial e Tributação. **Revista Experimental**, nº3, setembro, 1997, São Paulo.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo Razão e Emoção** São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **O Lugar: Encontrando o Futuro**. 199

SANTOS, Milton. Guerra dos Lugares. **Folha de São Paulo**, 8/8/1999a.

SANTOS, Milton. **O Território e o Saber Local**: Algumas Categorias de Análise. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, ano XIII, nº 2, 1999b.

SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SOUZA, Maria Adélia de. **O Lugar de Todo Mundo**. A Geografia da Solidariedade. Conferência feita no I Encontro Internacional de Geografia da Bahia. 1997.